Anno de 1841. Quinta Feira 23 de Dezembro. Anno XVII. N. 279.

Tudo agora depende de nós mesmos; da nossa prudencia, moderação, e energia: continuemos como principiamos, e seremos apontados com admiração entre as Nações mais vultas.
(Proclamação da Assemblea Geral do brasil.)

O Diario publica-se todos os dias que não forem Santificados: o preço da assignatura he de tres mil reis por quartel pagos adiantados. Os annuncios dos assignantes são inseridos gratis, e os dos que o não forem á razão de 80 reis por linha. As reclamações devem ser dirigidas a esta Typografia rua das Cruzes D. 3, ou á praça da Independencia lojas de livros Numeros 37 e 38.

PARTIDAS DOS CORREIOS TERRESTRES.

Goianna, Paraiba, e Rio grande do Norte, na segunda e sexta feira.
Bonito e Garanhuns, a 10 e 24.
Cabo, Serinhaem, Rio Formozo, Porto Calvo, Maceió, e Alagoas no 1.º, 11, e 21.
Pajeú 13. Santo Antão, quinta feira. Olinda todos os dias.

DIAS DA SEMANA.

20 Seg. s. Domingos de silos. chanch. Aud. do Juiz de Direito da 2. vara.
21 Terç. ✠ s. Thomé.
22 Quart. s. Honorato. Aud. do juiz de direito da 3. vara.
23 Quint. s. servulo. Aud. do Juiz de Direito da 2. vara.
24 sext. jejum s. Gregorio Aud. do Juiz de Direito da 1. vara.
25 sab. ✠ Nascimento. N. Sr. Jesus Christo.
26 Dom. 1. oitava s Estevão.

Preamar do dia 23 de Dezembro.
1.ª as 1 horas e 18 m. da tarde.
2.ª as 1 horas e 42 m, da manhã.

CAMBIOS NO DIA 22 DE DEZEMBRO.

Cambio sobre Londres 30 a 29 1/2 d. p. 1U.	Prata - Pezos Columnares 1,640 a 1,660
» » Paris 320 reis p. franco.	» » Mexicanos 1,620 a 1,640
» » Lisboa 80 a 85 p. 100 de pr.	» miuda 1,440 a 1,460
Ouro - Moeda de 6,400 V. 14,500 a 14,700	Moeda de cobre 3 por 100 de disconto.
» » » N. 14,400 a 14,600	Disconto de bilh. da Alfandega 1 e ½ por 100 ao mez.
» » de 4,000 8,100 a 8,200	
Prata - Patacões 1,640 a 1,660	Idem de letras de boas firmas 1 e a 1 e ½.

PHASES DA LUA NO MEZ DE DEZEMBRO.

Quart, ming. a 5 -- ás 9 oras e 53 m. da manhã.
Lua Nova a 12 -- ás 7 oras e 11 m. da tarde.
Quart. cresc. a 20 -- ás 0 oras e 12 m. da tarde.
Lua cheia a 27 -- ás 4 oras e 12 m. da tarde.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

RIO DE JANEIRO.

DECRETO N.º 81 DE 18 DE JUNHO DE 1841.

Concedendo perdão aos desertores de 1.ª deserção que no prazo de 2 mezes se apresentarem.

Querendo dar ao exercito uma prova da Minha Imperial clemencia na occasião do acto da Minha sagração e coroação: hei por bem conceder perdão a todos os militares incursos no crime de primeira dizerção, que dentro do praso de dous mezes, contados do dia da publicação do presente decreto nas respectivas provincias, se apresentarem nos seos corpos, ou perante os presidentes ou commandantes das armas das mesmas provincias; pondo-se em liberdade os que se acharem presos já sentenciados, ou por sentenciar. José Clemente Pereira, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em 18 de julho de 1841, vigessimo da independencia e do imperio. — Com a rubriba de S. M. o Imperador -- José Clemente Perreira. - Conforme, Manoel Carneiro de Campos.

DECRETO N.º 94 DE 2 DE SETEMBRO DE 1841.

Fazendo extensivo aos individuos da armada e corpo de artilheria de marinha, incursos no crime de primeira dizerção o decreto n. 81 de 18 de julho ultimo.

Usando da Minha Imperial clemencia, hei por bem faser extensivo aos individuos da armada e corpo de artilheria de marinha, incursos no crime de 1.ª dizerção o decreto numero 81 de 18 de julho ultimo; concedendo perdão a semelhantes desertores do exercito, conforme nelle se declara.

O conselho supremo militar de justiça o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em 2 de setembro de 1841, vigessimo da independencia e do imperio - Com a rubrica de S. M. o imperador. -- Marquez de Paranaguá.

Secretaria de estado em 15 de Novembro de 1841. - Manoel Carneiro de Campos.

PERNAMBUCO.

GOVERNO DA PROVINCIA.

EXPEDIENTE DO DIA 16 DO CORRENTE.

Officio—Ao comandante das armas, enviando-lhe para seu conhecimento e direcção dous exemplares das relações de antiguidades dos officiaes de primeira linha do exercito.

Dito - Ao mesmo, enviando-lhe em cumprimento do imperial aviso de 23 de novembro proximo passado alguns exemplares da falla do trono no encerramento da quarta sessão da assemblea geral legislativa.

Igual remessa foi feita ao presidente da relação, commandante superior da guarda nacionel do Recife, e prefeito interino da comarca.

Dito -- Ao commandante superior da guarda nacional do Recife, enviando-lhe uma relação de guardas nacionaes empregados na capatazia da alfandega desta cidade a fim de que as mande dispensar do serviço dos corpos a que pertencem á excepção de revistas e grandes paradas, nos dias em que não forem domingos, santos, ou feriados.

Dito -- Ao inspector da alfandega, cummunicando-lhe a expedicção da ordem supra.

Dito—Ao mesmo, significando-lhe, que a presidencia fica de posse do mappa das mercadorias estrangeiras despachadas para consumo da alfandega durante o anno financeiro de 1840 a 1841 assim como todas as mercadorias despachadas por baldeação, e vindas de outras provincias com cartas de guia durante o mesmo periodo, e lhe agradece a offerta do mesmo mappa.

Dito - Ao inspector do arsenal de marinha, significando-lhe, que o primeiro tenente Carlos Manoel de Moraes do Valle, e o segundo tenente Francisco Correia Leal, vindos na escuna - Primeiro de Abril - devem em consequencia do imperial aviso de 22 de novembro ultimo, seguirem no brigue Escuna Nictheroy, que alli se acha estacionado.

Dito -- Ao mesmo, communicando-lhe que conforme o imperial aviso de 22 de novembro ultimo, o pataxo - Patagonia, e as escunas - Bella Americana - e Primeiro de Abril - ficão estacionadas no porto desta cidade.

Dito -- Ao tenente coronel T. C. Burlamaque, director interino do arsenal de guerra, para entregar a direcção do mesmo arsenal ao respectivo director o major J. M. I. J. da Veiga Pessoa, que acaba de chegar da corte.

Dito—Ao inspector da thesouraria da fazenda, communicando-lhe o conteudo no officio precedente.

— Fico sciente de achar-se Vm. no exercio de prefeito interino dessa comarca por estar com licença o respectivo prefeito, segundo me partecipa em seo officio de 13 do corrente e muito lhe agradeço os parabens que me dá por me achar pela segunda vez na presidencia desta provincia.

Deos guarde a Vm. Palacio do governo de Pernambuco 16 de dezembro de 1841 - Barão da Boa-vista -- Snr. promotor publico da comarca de Santo Antão Joaquim Jorge dos Santos.

- Tenho presente o seo officio de 15 do corrente mez, no qual me communica, que achando-se impossibellitado de poder concorrer por si para a defesa do throno de S. M. o Imperador, e da integridade do imperio, offerece ao mesmo augusto Senhor por intermedio desta presidencia, um seo filho de nome Carlos Frederico d'Avellos Goes de Brito, a fim de assentar praça em algum dos Corpos de primeira linha desta provincia, pedindo como especial favor, que elle marche na primeira occasião para o Rio Grande do Sul, em cujas fileiras possa imitar os bravos de sua patria: e agradecendo a Vm. os patrioticos senfimentos, que acaba de manifestar a prol de tão importantes como sagrados objectos, cumpre-me significar-lhe, que pode mandar apresentar o referido seo filho ao commandante das armas, a quem nesta data se expedem as ordens a respeito.

Deos guarde a Vm. Palacio do governo de Pernambuco 16 de dezembro de 1841 — Barão da Boa-vista - Snr. coronel Jose de Brito Inglez.

Dito -- Ao commandante das armas, communicando-lhe o conteudo no precedente officio, e ordenando-lhe que faça assentar praça ao voluntario de que tracta o mesmo officio, e seguir para o Rio Grande do Sul, na primeira occasião.

IDEM DO DIA 17

Officio --Ao inspector da thesouraria da fazenda, communicando-lhe, que o Juiz de direito da primeira vara do crime Joaquim Nunes Machado partecipou em officio de 22 de novembro ultimo, que em consequencia de incommodos graves de sua familia, e seos proprios não podia vir exercer o seo emprego, e sobre tudo faltando tão pouco tempo para a reunião da assemblea geral na fuctura legislatura de 1842, pedindoque lhe seja extensivo o favor que a lei concede aos deputados empregados publicos.

Dito -- Ao mesmo, communicando-lhe, que por aviso de 11 de maio do corrente anno foi approvada a nomeação do guarda da meza do cossulado, Jose Lourenço Bastos; o que deverá faser constar ao aduinistrador da referida meza.

Dito—Ao inspector geral das obras publicas approvando as condicções do contracto feito com o proprietario Domingos Pires Ferreira, da terra necessaria para os atterros, que se tem de faser na estrada de Parnameirim.

Illms. Srs. -- Respondendo ao officio, que Vv. Ss. me dirigirão em data de 15do corrente, cumpre-me significar-lhes, que tenho muita honra em continuar a ser considerado como socio honorario dessa associação commercial, á qual renovo os meus protestos de estima e consideração; assegurando-lhe que sempre me achará prompto á concorrer quanto estiver ao meu alcance, para que ella prospere, como he de esperar do zelo e patriotismo dos seus dignos membros. Concluo agradecendo a Vv.Ss. as obzequiosas expressões com que me tratão.

Deos guarde a Vv. Ss. Palacio do governo de Pernambuco 17 de dezembro de 1841. -- Barão da Boarvista - Snrs. presidente e secretario da associação commercial desta cidade.

MEZA DO CONSULADO.

Miguel Arcanjo Monteiro de Andrade, cavalleiro da ordem de Christo, e administrador da meza do consulado, por Sua Magestade Imperial e Constitucional etc.

Faz saber que no dia 24 do corrente se hade arrematar na porta da mesma uma caixa de assucar branco numero 9 apprehendida pelos respectivos empregados do trapiche da Companhia por inexactidão da tara; em cujo dia se findão os prazos marcados no regulamento, sendo a arrematação livre de despesas ao arrematante.

E para que chegue a noticia a quem convier mandei afixiar o presente edital na porta desta administração, e publicar pela imprensa.

Meza do consulado de Pernambuco 18 de dezembro de 1841.

Miguel Arcanjo Monteiro de Andrade.

Luiz Francisco de Mello Cavalcante, escrivão, e administrador da Meza de Rendas Internas Provinciaes d'esta cidade. Pelo prezente edital faz constar a todos os senhores proprietarios de predios urbanos dos trez bairros d'esta cidade e povoação dos Affogados que no ultimo d'este mez findão-se os 30 dias marcados para o pagamento a boca do cofre da respectiva decima do 1. simestre do corrente anno financeiro de 1841, 1842, e logo que termine esse prazo passará a procede-executivamente na forma da lei de 27 de Agosto de 1830, contra os dedevedores.

E para chegar a noticia de todos mandei a fixar o prezente, e publica-lo pela imprença. Meza das Rendas Internas Provinciaes de Pernambuco 16 de Dezembro de 1841.

Luiz Francisco de Mello Cavalcante.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ALGUMAS REFLEXÕES AO CORREIO DO NORTE N. 7.

Por que se agasta, e apostema tanto o « honravel » Snr, Republico? Onde foi que, o chamamos patife, malvado, e outras cousas tão feias? Quererá o comtemporaneo arremedar as crianças, que quando se lhe vai a mão em alguma travessura, amuão-se, chorão, e queixão-se de que lhes derão pancadas, que as empurarão, etc. ? Estreou-se o contemporaneo desta vez em Pernambuco insinuando o disgraçadissimo pensamento de separação de Norte e Sul: e como logo lhe sahimos ao encontro, como tal desvaneio incorreo na indignação geral; mortifica-se o Sr.- Borges, busca de certo modo conhonestar a parvoiçada, e agora diz, que lhe assacamos epithetos dos mais injurisos. « Tantæne animis cælestibus iræ? » Para que tantas iras no animo varonil, e cavalheiro d'hum patriota extremo, que já teve debaixo da unha, ou na palma da mão os destinos de todo o brasil?

Nós apenas bautizamos por anarquicos certos principios do contemporaneo; e lh'os provamos; pois não merece outro nome o dizer em letra redonda, que todo, e qualquer individuo tem direito de resistir a huma lei, toda vez que se persuada que vai d'encontro á constituição, ou que não passou por todas as formulas regimentaes das camaras legislativas. Tal maxima he emminentemente subversiva de toda a ordem social, he hum principio consagrado no codigo do sanculotismo. Que mais chamamos ao contemporaneo? Ex-Abelha, e ex-Republico. Será isto huma injuria? Por tal se patenteou sua merce desd'o primeiro numero do seu Correio? Não são estes escritos os maiores e talvez unicos padrões da sua gloria politica, e literaria? Não pode por taes producções dizer o « honravel » contemporaneo com Horacio.

« Exegi monumentum ære perenius
Regalique citu piramidum altius? »

Reprovamos tambem a sua Orthographia estrambolica, e burlesca: e cremos estar em nosso direito, quando o fazemos a respeito do escriptos, que correm impressos. Seria alem disto longa, e tal vez fastidiosa a nossa tarefa, se nos dessemos ao trabalho de mostrar os erros palmares, em que cahe a todo o momento o contemporaneo não só por ignorancia da lingua, e valor dos termos, como até pela da symtaxe. Para a mostra basta-nos este mesmo numero 7, que temos entre mãos. O que quer dizer (fallando dos indigenas) « huma pacificação sismatica? Parece-nos adevinha, ou pulha. Logo no segundo diz assim » Entre este povo o primeiro Imperador sentindo a necessidade de reconciliar-se, e de acalmar os espiritos agitados pela imprudente dissolução da Constituinte, sem se ter preparado para acceitar as consequencias do hum acto tão tiranico » força lhe foi comprehender a organisação de huma Constituição, &c. «Ora venha cá, Sr. Borges, professor de commercio na Paraiba, venha cá, não se agaste com a gente; não nós chrisme logo de escravos da Oligarchia do Rio, e comprados pelos portuguezes; diganos: de que verbo he sugeito o primeiro Imperador neste periodo? Reger-se-á assim: « o primeiro Imperador força lhe foi? » disse o grande Boileau.

« Sans la langue en un mot l'auteur le plus divin. Est, quosque il fasse, un mauvais ecrivain: » e o bem conhecido Palito Metrico já dizia (a que annos!)

« Et qui in Grammatica quœ sit sua destra nescit,
Quomodo pedacinhum poterit pitiscare Direiti,
Qui magis est fundus? » Já vê o « honravel » contemporaneo, que fazer taes censuras he cousa licita, e não he o mesmo, que doestar. Quem se propõe a escrever para o respeitavel Publico tem rigorosa obrigação de conhecer a fundo a lingoa, em que escreve: se a ignora, para que se mette a escriptor?

Mas deixemos essas considerações, que tal vez o contemporaneo chame minudencias, dizendo com o proloquio Latino = « De minimis non curat Prætor = » isto he; não faz cazo de taes bagatellas hum Estadista da estofa do Snr. Borges da Fonceca, em cuja mão já estiverão fechados os destinos de todo o Brasil. He verdade, que há muito quem afirme, que o contemporaneo com o seu Republico no Rio de Janeiro não foi mais, do que hum misero testa, de ferro, de que por

trefego, belicoso, e ousado lançarão mão os caudilhos da revolução de 7 de Abril: e sendo assim (o que não affirmamos) está o contemporaneo (perdoe o simile) no caso d'aquelle boleiro, que se gabava de passear de traquitana com seu amo; porque ia sempre na bolé.

Vamos porém ao que mais importa. Não podemos transigir com a terrivel maxima do Snr. Borges, que prega o direito de resistencia a qualquer lei por qualquer individuo, toda vez que este entenda, que a mesma lei vai d'encontro á Constituição, ou que passou sem certas formulas regimentaes das Camaras Legislativas. A actual reforma do Codigo do Processo foi primeiramente comettida a pessoas de maior conceito em taes materias; as suas disposições pela mor parte estão de accordo com as reclamações de Juizes, de Tribunaes, de Presidentes de quasi todas as Provincias. O partido, que sobio ao poder em Julho do anno passado, tanto reconhecia as vantagens dessa reforma, que huma das recriminações, que exprobava aos seus antagonistas decahidos, era o não haverem dado rapido andamento a esse projecto: e tanto era o empenho por elle, que o fizerão passar no Senado em 2. discussão; e ali a nenhum occorreo, que esta, ou aquella disposição falseava, ou destruia o regimen Constitucional. Este anno tudo mudou de face: já não estavão de cima os homens de Julho; e eis que a reforma tem todos os vicios imaginaeis. E que longa, e calorosa não foi a terceira discussão do Senado! Mas qual o resultado? Ser aprovado o projecto por huma grande maioria de 24 Senadores contra 8. E haverá cabeça tão esturrada, q' pretenda estigmatizar com o negro ferrete de escrava, ou d'estupida, e de avessa á Constituição huma maioria, onde existem cidadãos de tanto saber, e de tantas virtudes civicas? Que vantagens podem provir ao Senado da ruina, e anniquilamento da Constituição? Proclamado o absolutismo, o que seria o Senado, hum dos elementos da Constituição?

Na Camara temporaria tembem passou o projecto por huma consideravel maioria, a qual, convencida de estar elle sobejamente discutido, e illucidado, dispensou-o da ultima discussão, (o que se tem feito, e está fazendo todos os dias a respeito de outras leis urgentes) e aprovou a réforma do Codigo. E com que consciencia lança o contemporaneo o labéo de absolutistas, de escravos dos Portuguezes aos Henriques de Rezende (martyr das liberdades patrias) aos Urbanos Sabinos, aos Nunes Machados, e a outros muitos sempre tidos, e havidos na conta de liberaes, e patriotas estremes?

Este mesmo Codigo assim reformado era optimo em Julho do anno passado; e agora tem todos os defeitos possiveis? Porque então não se levantou contra elle esta celeuma de patriotas exclusivos, e unicos homens livres no Brasil? Quaes são as disposições do novo Codigo, que se oppõe á Constituição? Não terá lido o Contemporaneo os poderosos argumentos com que a referida maioria pulverisou todos esses castellos levantados pela opposição? As objecções mais plausiveis desta limitão-se ás seguintes -- Art. 1. Se o Poder Judiciario he independente, e delegado pela Constituição a Juizes perpetuos, e a Jurados, o Projecto destróe tal disposição, quando dá aos Chefes de Policia, e seus delegados a formação da culpa, e o julgamento dos crimes até seis mezes de prisão, desterro, &c. -- O Art. 151 da Constituição diz « O Poder Judiciario he independente, e será composto de Juizes, e Jurados, os quaes terão lugar assim no civel, como no crime nos casos, e pelo modo, que os Codigos determinarem.» O que he, que evidentemente se conclue desta dispozição? He sem duvida que aos Codigos pertence o determinar os casos, em que devem ter lugar os Jurados; e por consequencia, que podem os mesmos Codigos tirar d'alçada dos Jurados o julgamento dos crimes até seis mezes de prisão, como outros quaesquer. De mais serão acaso Jurados os Juizes de Paz? E pelo Codigo vigente não julgão elles dos mencionados crimes? E quem já disse, que se podia resistir ao mesmo Codigo por opposto á Constituição? Acresce, que os Juizes de Paz até tem o direito de formar a culpa.

As reformas (dizem os opposicionistas) dão atribuições judiciarias a Juizes temporarios; o que he contra a Constituição, a qual só as deo a Juizes perpetuos: mas a Constituição dispondo no Art. 153, que os Juizes de Direito sejão perpetuos, não quiz com isto excluir qualquer outra especie de Juizes; pois no citado Art. 151 havia dicto = O Poder Judiciario será composto de Juizes, e de Jurados = E tão reconhecidos forão sempre estes principios, que pelo Codigo vigente os Juizes de Paz formão culpa, e julgão em certos casos, não sendo Juizes perpetuos. E porque nunca bradou o Contemporaneo contra esse Codigo? Porque nunca disse, que qualquer tinha direito de lhe resistir, por ser opposto a lei das leis, á Constituição?

Art. 2. As reformas do Codigo (continuão os opposicionistas) são contrarias á Constituição: porque em alguns casos conferem aos Juizes de Direito o julgamento em segunda instancia, que segundo a mesma Constituição só compete ás Relações, quando diz no Art. 158 « Para julgar as causas em segunda e ultima instancia haverá nas Provincias do Imperio as Relações, que forem necessarias para commodidade dos povos » Mas dirá aqui a Constituição, que todas as causas absolutamente só serão julgadas em 2., e ultima instancia pelas Relações? Não certamente. O Codigo vigente confere ás Juntas de Paz á atribuição de julgar em segunda, e ultima instancia estas mesmas causas, de que fallão os opposicionistas. As reformas não fizerão mais, do que transferir essa atribuição das Juntas de Paz para os Juizes de Direito. Pode ser, que a nova medida tenha seus inconvenientes: mas ninguem em boa logica poderá sustentar, que se oppõe á Constituição.

Taes são os argumentos mais valentes, com que os opposicionistas pretendem mostrar, que as reformas do Codigo vão d'encontro á Constituição: e firmado em taes subtilezas, ou rabolices he, que o Snr. Republico brada no seu Correio do Norte, que todo o cidadão tem o direito de lhe resistir, maxima horrivel, detestavel principio, que a ser admittido daria cabo de todos os Governos. Não imagine o Contemporaneo, que nos propomos a santificar todas as disposições do novo Codigo: pode ser, que algumas encontrem embaraços, e difficuldades na execução: pode ser, que outras não cheguem a sanar os nossos males; e por isso apellemos para a pratica, para a experiencia; e quem assim o reformou, ainda o pode emendar, corrigir, &c. &c. Mas em todo caso cumpre-nos obedecer á lei, que em nada se oppõe á Constituição. Toda a doutrina contraria a estes principios he anarchica, e só endereçada a revolucionar os povos.

A' vista do exposto não tem rasão o Snr. Republico em dizer, que nós só recorremos á poderosa arma do ridiculo. Não: nós tambem produzimos rasões, e rasões, que nos parece, terão o assenso de todas as pessoas cordatas, e desapaixonadas; e se ás vezes zombeteamos, culpa he do « honravel » contemporaneo, que nos subministrou materia para innumeros epigrammas, quando tão desembainhadamente disse, que já teve em sua mão a sorte de todo o Brasil. He muito mangar no proximo, he muito abusar da nossa paciencia. Os destinos de tantos milhões de almas já dependêrão da soberana vontade, do Snr. Repubico Abelha Borges da Fónecca! Basta, que mais he matar. Escapamos da primeira vez, quando o contemporaneo decidia de tudo: não queremos passar por outra provança; e por isso, e o mais dos Auctos faremos incessante opposição a tudo, que nos cheirar a anarchia, e á tal bobice, e palhaçaria d'Estados de Norte, e Sul.

VARIEDADE.

A ponte dos noivos.

Em uma das bellas madrugadas do mez de Junho, quando a penas o sol levantando-se sobre o horisonte começava a derramar sobre o delicioso solo da Leguria suas ondas de purpura e ouro, eu descia á pressa do quarto da estalagem, onde havia passado aquella noite, para gosar da frescura da manhã, e do quadro encantador, que a risonha natureza estendia diante de meus olhos.

—Bom dia! me diz o estalajadeiro, que já estava a pé, e se occupava em estender e atar as hastes de baunilha, que formavam uma especie de caramanchão diante da porta da estalagem: levantastes-vos mui cedo! Acaso passarias mal a noite?

—Não; dormi tranquillamente; mas quero gosar a deliciosa viração da manhã e dar um passeio por estas bellas campinas, antes de partir. Que lindas e graciosas paisagens!... Oh! dizei-me, como se chama aquella ponte, que tão pitoresca vista nos está offerecendo sobre a torrente, que desce das montanhas?

—E' a ponte dos noivos.

—Lindo nome, na verdade! E' sem duvida, porque os mancebos destes contornos alli vão encontrar suas namoradas para fallar-lhes de seus amores?

—Não, senhor, veio-lhe o nome de um caso bem triste; e se quereis, contar-vos-hei esta historia, em quanto tomaes uma chavena de café, por causa de humidade da manhã.

Acceitei de bom grado a proposta; assentei-me debaixo do caramanchão, e, servido o café, o meu hospede começou deste modo a sua narração.

Lourenço era dos mais guapos moços de todos estes arredores, e sem contradicção o mais bello e amavel de Fentanabuona. Nenhum havia que o igualasse em atirar á escopeta, nenhum que fosse mais entendedor e sabido, nem que tivesse tanta graça e agilidade em conduzir aos domingos detarte as danças da mocidade na grande praça da aldea. Alem disso não era mal havido pelo lado dos bens da fortuna: aquelle casal, que lá se está vendo d'além da ponte, a meia encosta do monte, era seu; aquelle vinheiro, e depois o grande castanhal que segue d'alli até ao lado esquerdo da torrente, tambem lhe pertenciam. Em summa, Lourenço reunia todas as possiveis condicções de felicidade, e não obstante foi o mais mal aventurado dos homens. Tomou-se de amores por uma rapariga aqui das visinhanças, e desde então não houve para elle mais paz e felicidade. Agatina era uma pobre zagala, filha de um guardador de gado do rico proprietario de Lavanha, mas de certo que era bonita: que digo eu! linda sobre todas as raparigas, mais branca que a neve dos Alpes, e fresca como o botão de roza aberta ao orvalho da manhã. Mas ah! de que servem as graças exteriores sem as qualidades da alma! São uma funesta vantagem para quem as possue, e funestas para quem dellas se deixa apaixonar. Nada estava menos em harmonia com a linda figura de Agatina do que o seu coração; caprichosa como a mais abastada e activa senhora, a pobre aldeã não sonhava com quimeras, e não suspirava senão por uma grande fortuna. O seu maior cuidado consistia em vestir-se e enfeiiar-se com mais esmero e vaidade que permettia o seu estado: levava horas a mirar-se nas agoas da fonte, e a arranjar uma flor mais graciosamente entre os seus cabellos negros e lustrosos como o ebano: assentava-se sobre os vallados á borda da estrada para ouvir os elogios dos passageiros; cantava quantas cançonetas lhe vinham á memoria, porque bem conhecia quanto a sua voz era doce e suave, e que todos os rendeiros e viandantes paravam a ouvir. Mais que qualquer outro, Lourenço se deixou prender por estes encantos, e embriagar por estas seducções: de dia e de noito elle girava em roda da habitação da pastora, e a seguia aos montes, e por toda a parte onde ella conduzia seu rebanho: tecia-lhe grinaldas de flores, e formava-lhe doceis de verdura junto ás margens da ribeira, para passar os ardentes calores da sesta. Algumas vezes acompanhava com a flauta suas rusticas cantigas, outras vezes reunia-lhe as ovelhas desgarradas em quanto ella cantava, e todos os dias punha junto á fonte em que ella costumava ir refrigerar-se, um cesto cheio das mais bellas e sazonadas fructas da estação.

Agatina, lisongeando-se de ser o constante objecto dos cuidados e finezas de Lourenço Riezo começou a dar-lhe attenção. Sabendo que todas as moças das visinhanças lhe invejavam o amor e homenagem do galhardo mancebo, assentou em que uma tal conquista não era para ser despresada, e resolveo corresponder com caricias a seus extremos. Rinzo estava encantado com o amor da bella pastora, e desde então não trocaria sua sorte pela dos mais poderosos senhores. « Oh! que guapo par! diziamos nós todos seus visinhos e amigos, vendo-os passear ambos juntos ás margens do ribeiro, assistirem um a par do outro á missa da paroquia, e irem de companhia aos mercados da aldea visinha: que bello par! Deos os cubra de sua benção, e lhes conceda longos annos de vida ditosa e socegada!... Oh! nós fallavamos todos por esta vez, mas não o dizia assim a velha Praxedes.

—E quem era essa Praxedes? perguntei eu bruscamente ao bondoso historiador.

Era a mãi de Lourenço, cujos olhos tinham mais longa e penetrante vista que os nossos!

—Pobre rapaz! respondia ella todas as vezes que nós felicitavamos pela ventura de seus filhos; eu daria de boa vontade os dias que me restam a viver, porque elle se não houvera apaixonado por esta rapagiga. Ainda me lembro de um dia que estando assentado á tarde nesse mesmo logar em que vós estaes, e vendo-a passar, lhe perguntei: Então tia Praxedes, quando se faz esta boda? Quando Deos o determinár, meu bom vesinho, me respondeo ella suspirando: as desgraças nunca vem demasiadamente tarde! Oh! o coração de uma mãi tem presentimentos que nenhum outro póde compreender; um accento mysterioso lhe prediz a desgraça, da mesma sorte que a atmosfera offerece aos brutos certos signaes da tempestade, que os homens desconhecem.

O estalajadeiro calou-se por um instante para enchugar as lagrimas, que rebentavam de seus olhos: eu fiquei tambem em silencio, respeitando o generoso sentimento que lhe fazia interromper a sua narração, por mais encantado que eu estivesse da sua maneira franca e energica de cantar; era o seu coração que fallava, e é só delle que nasce a verdadeira eloquencia. Em fim elle tomou de novo o fio de suas idéas, dizendo-me: « Perdoai-me esta fraqueza, o que tendes a ouvir é bem capaz de a justificar.

O dia do casamento dos namorados estava já determinado, e já o nosso cura havia apregoado os banhos, quando Rinzo teve de partir á pressa para Genova por causa de uma demanda que lhe movera injustamente um seu visinho sobre a agua de rega. Esta ausencia devia durar poucos dias, e o casamento havia de fazer-se logo que elle voltasse. Entre tanto chegou a Fontabuona o sobrinho do rico proprietario de Laranha, que em consequencia da repentina morte de seu tio, vinha tomar posse de todos os bens de sua rica herança. No domingo immediato totos os rendeiros, caseiros e assalariados do novo proprietario vieram cumprimenta-lo com suas familias, e por tanto Agatina veio tambem com seu pai. Como já vos disse, era ella dotada de muita belleza; mas neste dia parecia ainda formosa, com os seus melhores vestidos de festa com o grosso cordão d'ouro, presente de Rinzo, que lhe enfeitava o seio, e com as vistozas agulhetas de prata, de que as raparigas do paiz costumam a servir-se com tanta graça para segurar suas tranças na cabeça. Seu rosto fresco e corado, seus lindos olhos pretos, sua figura esbelta e airosa, e sobre tudo certa desenvoltura encantadora, tão rara nas raparigas do campo, captivaram inteiramente o jovem proprietario. Elle não póde mais apartar-se da seductora aldeã, inventava meios, excogitava pretestos para a ter sempre ao pé de si; mandou que lhe trouxessem todos os dias o leite para o almoço o creme para o jantar, a manteiga fresca para a merenda, a fora mil outras encommendas que lhe fazia a cada passo. Acostumado a viver nas grandes companhias da cidade, não ignorava nenhum artificio proprio para agradar as mulheres porém a finura e viveza de Agatina empatavam toda a sua astucia neste ponto. Ella mostrava-se respeitosa para com elle, mas sempre timida e reservada, e affectava uma modestia constante, que fazia desesperar o ardente mancebo. A cada protesto d'amor, respondia com timidez, e fazendo-se vermelha. « A pobre Agatina não é digna da vossa ternura, guardai vosso amor para as illustres damas da cidade. » O joven Cobert consumia-se de desejos, e daria metade de suas riquezas para vencer a resistencia da camponeza. Quando soube do seu proximo casamento com Lourenço pensou morrer de pena, e a paixão que por ella sentia tornou-se quasi frenetica.

—Falla-me a verdade, Agatina, lhe disse elle um dia; tu amas a esse Rinzo, com que estás contractada?

—Pois se elle é o meu noivo, respondeo-lhe ella abaixando os olhos.

—E por um rustico camponez despresarás tu o amor de teu amo?

—Vós bem sabeis, senhor, que uma mulher honesta não deve amar senão a seu marido.

— E assim me desprezas, cruel? Queres que eu estale de pena de não possuirte?

— Já vos disse, senhor, que eu não amarei senão a meu marido.

— E se eu cazasse com tigo, Agatina, esquecerias tu esse maldito Rinzo?

— Vos, cazar comigo, senor!... Oh! isso é impossivel; sois mui rico para mim, e eu muito pobre para vós. E dizendo isto retirava-se suspirando.

Estas respostas astuciosas inflamavam cada vez mais o cego amor do joven Calbert; e a tal ponto o soube levar a astuta Agatina, que rompendo por toda as considerações de riqueza e nascimento, elle lhe prometteo positivamente que a esposaria.

Com a volta que levaram as cousas, impossivel foi verificar-se as promessas do joven Colbert, eram sinceras; ou se requintando em fingimento, elle só tentava engana-la. E' certo que fez annunciar publicamente na aldeia este casamento, que ordenou varias festas para o solemnisar; porém recusóu-se sempre a effectua-lo em a nossa parochia, como Agatina lhe pedia, com o

pretesto de que não podia aqui celebra-lo com a pompa que desejava; e resolveo-se emfim a acompanha-lo para a cidade, para ahi se fazer a cerimonia. Isto fez despertar algumas desconfianças nos mais prudentes de nossos visinhos.

Rinzo ignorava todos estes acontecimentos. O processo que o tinha levado a Genova, demorava-se mais do que elle esperava, porque o seu visinho obstinado e pertinaz recusava todas as propostas de composição, e queria á força proseguir na demanda; de modo que mais de um mez se passou antes que as partes chegassem ao termo da conciliação. Mas emfim assignada esta, Lourenço partio immidiatamente para Fontenabuona. Tinha elle com antecedencia escripto a sua mãi e a Agatina, participando-lhes o dia e hora da sua chegada.

« Ella virá sem falta esperar-me ao caminho, e terei o gosto de a ver alguns instantes mais cedo: » dizia elle comsigo e parecia que o amor lhe dava azas para voar pela estrada. Cada objecto, que percebia ao longe, se lhe figurava ser Agatina, que impaciente e anciosa lhe estendia os braços. Mas aproximava-se mais do valle, e Agatina não apparecia! Isto começou a entristece-lo. Tendo emfim chegado á crista da montanha, d'onde se descobria toda a povoação, lançou olhos avidos e impacientes para um e outro lado, mas tudo vio deserto e o coração se lhe cobrio de um negro véo: assentou-se sobre uma pedra, triste e agitado, de um funesto perssentimento. Escondia-se então o sol no horisonte, e o crespusculo, que se lhe seguio, era escuro e nebuloso: ter-se-hia dito que o ceo queria dar-lhe o triste annuncio de sua desgraça.

Finalmente uma mulher se avistou, sosinha, e dirigindo-se a passos lentos para a cabeça, onde ella estava assentado, com a cabeça encostada sobre a mão, e combatido por pensamentos que não sabia definir, esta mulher era Praxedes sua mãi.

— Como assim! lhe diz elle, vindes só, minha mãi? E Agatina! Onde está Agatina.

— Oh! essa está entredita n'outra parte, lhe responde a mãi com voz tremula e incerta.

— Entretida n'outra parte!.... E aonde?... E por quem?.... E dizendo isto levantava-se com uma agitação quase frenetica. A pobre Praxedes lançou-lhe os braços ao pescoço, e abraçando-o ternamente suspirava.

— Socega-te, meu filho, socega-te: era vontade do céo que este casamento se não fizesse.

— Oh! meu Deos! exclamou Lourenço como fóra de si: dizei depressa, senhora; sera caso que tenha morrido Agatina?

— Sim, sim, ella morreu.... para ti.

— Para mim!.... Agatina?.... « Neste momento uma girandola de foguetes partiu do centro da povoação sulcando os ares com seus rastos de luz, e o estampido das bombas que rebentavam se misturava com o estrondo dos vivas e das acclamações.

— O que é isto, senhora? exclama Rinzo na mais violenta agitação - que significam estes signaes de alegria?

— E' um casamento que se festeja.

— Um casamento!.... E Agatina?

— Vai ser esposa de seu novo amo.

Lourenço cahiu redondamente no chão como se o tivera ferido um raio.

« Morto? exclamei eu, interrompendo o estalajadeiro.

Não, senhor, me respondeu elle; a dôr não mata assim. »

Depois de uma longa pausa, em que o historiador procurou acalmar a dolorosa agitação que lhe causaram as recordações desta lamentavel historia; e tendo dado alguns passos para respirar ar mais livre, e desabafar o peso que lhe opprimia o coração, continuou assim.

No dia seguinte, logo ao romper da manhã, quando eu me dirigia para a minha vinha, que está na encosta daquella serra, caminhando á pressa para evitar a chuva que me accomettera no caminho, avistei Rinzo, que seguia a mesma vareda, vindo ao meu encontro a passos lentos, com a cabeça descoberta, os cabellos e os vestidos em desordem, pálido como a morte, e absorto em profunda meditação. A chuva apertava cada vez mais, geava, o vento bramia furiosamente, os relampagos e os trovões cresciam e amiudavam-se; era uma forte trovoada: e Lourenço nem dava pela chuva que o ensopava nem pelo fuzilar dos relampagos, e estalar dos trovões: passando junto de mim sem vêr-me, sem ouvir a saudação que eu lhe dirigia, subiu a uma imminencia que fica sobranceira ao valle, e alli ficou quedo e immovel, escorrendo agua de todo o corpo, como a figura de uma cascata. Seus olhos unicamente se volviam do casal onde habitava o pai de Agatina para o palacete do seu oppulento rival. Apezar da trovoada e do deluvio d'agua que cahiu, eu fiquei algum tempo parado na estrada para o ver e lastimar, e toda a minha attenção nelle se empregava, quando o rumor de passos, e um sentido suspiro a vieram attrahir para outro lado. Era a pobre Praxedes que vinha seguindo de longe os passos de seu desgraçado filho. Ella reconheceu-me, mas sem proferir palavra, mostrou-me Lourenço, com um gesto e um olhar de tanta dôr, que não se podia exprimir. Come de Commum accordo retiramo-nos ambos para o abrigo que formava a ponta de um rochedo junta com a copada rama de um abeto, e d'alli observamos attentamente todos os movimentos do infeliz Lourenço.

— Oh! meu Deos! tende piedade de meu pobre filho! proferio em fim a meia voz a consternada mãi: não me roubeis o unico apoio de minha cançada velhice, por causa de uma rapariga louca e ambiciosa. E voltando-se depois para mim desmaiada e afogada em pranto, encostou sua cabeça desfalecida sobre meu hombro, dizendo-me.

— Vede se os meus presentimentos se verificaram, meu bom visinho!... Oh! os presentimentos do coração materno nunca se enganam!

— Ora vamos, visinha, lhe responde, coragem e conformidade. Aquillo é o primeiro e imperioso movimento de uma dôr a que o infeliz não póde resistir; mais esperemos que o tempo fará como sempre o seu effeito, Lourenço recobrará sua razão e tranquillidade.

— Oh! não, respondeo Praxedes, elle morrerá sem duvida; a ferida que recebeu no coração é muito profunda para que se possa sarar. . . . Que noite, que terrivel noite, foi a passada! Apenas tornado a si do deliquio, em que cahira ao primeiro annuncio da traição de Agatina, correo á aldêa como um louco furioso, eu seguia-o de perto. A chuva que começava a cahir, havia apagado os fogos de alegria, e dispersado as danças que o proprietario havia mandado fazer em frente da sua casa... Dir-se-hia que o ceo condemnava estes divertimentos que faziam a desesperação de uma alma boa e virtuosa. Quem sabe? talvez elles fossem ordenados de proposito para affligir o pobre Lourenço, sabendo-se que elle chegava a essa hora.... Mas, já todos se retiravam recolhendo-se para suas casas, e Agatina pelo braço de seu encantado noivo, e seguida de seu pai, que parecia louco de alegria, procurava tambem no palacete um abrigo da chuva. Neste instante se lhe apresenta diante Rinzo, espantado, tremulo, e desvairado.

— Salvai-me deste homem, grita ella para o seu novo amante, abraçando-se fortemente com elle. — Salvar-te de mim! bradou Lourenço furioso: tu sentes pois os remorsos do teu crime traidora? Oh! salvai-me, salvai-me, continuava ella a gritar agarrando-se sempre ao moço Calbert. A estes gritos acudio o nosso cura, que se achava ali perto; os rendeiros do oppulento proprietario se metteram de permeio: Rinzo foi sèparado de Agatina, e as portas do palacete se fecharam sobre a perjura.

Alguns amigos conduziram para nossa casa o meu Lourenço, e procuravam consola-lo; o mesmo cura veio trazer-lhe as palavras de paz, e os conselhos da prudencia e resignação que lhe dictava o seu santo ministerio. Porém Lourenço nada ouvia, não conhecia ninguem, delirava, ardia em febre. Toda a noite continuou neste estado, sem attender aos meos rogos e ás minhas lagrimas; com os braços crusados sobre o peito marchava a passos largos pela casa, sem responder-me uma palavra, como se não fora sua mãi que chorava, e que lhe rogava encarecidamente que moderasse a sua dor.

Pouco antes de romper a alva, pareceo um pouco mais socegado; assentou-se alguns minutos, no fim dos quaes murmurou estas palavras: « É preciso que eu a veja ainda uma vez... uma vez só; e depois faça Deos de mim o que lhe aprouver. » E dizendo isto sahio a toda a pressa. Eu segui-o.

Em quanto a pobre mulher me contava isto, tinha parado a chuva: o sol começava a romper por entre as nuvens espessas, e a dourar as montanhas. Os vinhateiros voltavam aos seus trabalhos costumados; os pastores conduziam diante de si os seus rebanhos, para as pastagens; todo o valle tomava vida e movimento.

Lourenço soltou um grito repentino, e applicou o ouvido e a vista para o lado da aldeia. O sino pa parochia começava a tocar os sons de festa, e algumas vozes de alegria responderam ao longe a estes sons.

— Ella, lá vem! gritou Lourenço com voz tão forte, que nós o ouvimos na distancia em que estavamos; e por um atalho escarpado deitou a correr para a parte do valle.

— Meu filho! meu filho, lhe gritava a triste mãi, procurando seguilo na corrida, quando as suas forças lhe permittiam. Em poucos instantes eu perdi a ambos de vista.

A noiva, aos primeiros toques do sino, tinha sahido do seu casal, acompanhada do pai, e de alguns visinhos: ia vestida com luxo bella a matar, mas inquieta e pensativa. Conhecia-se que uma voz interior a agitava e lhe prediziam algum infortunio. Dirigia-se para casa do seu noivo, porque, segundo depois se soube, tinham ajustado partirem todos logo de manhã para a cidade. Para chegar a casa de Colbert, era-lhe preciso atravessar a ponte de madeira, de que fallámos, a qual, como daqui podeis ver, está construida sobre a parte mais profunda da torrente, que nessa occasião ia muito grossa pelas aguas da trovoada. Rinzo, sempre correndo, conseguio chegar á entrada da ponte no mesmo momento em que a perfida moça a atravessava. Vendo-o ella soltou um grito de espanto, e quiz retroceder; mas Lourenço arremeçou-se-lhe aos pés, segurando-a pelos vestidos. O pai, e visinhos que a acompanhavam ficaram immoveis e aterrados sem proferir uma palavra.

— Escuta-me, Agatina; lhe diz o desvairado mancebo; escuta-me pela ultima vez. Ainda te amo, a pesar da tua traição, e amo-te como um furioso. Estás com effeito resolvida a levar a tua perfidia ao ultimo extremo! Responde-me: estás resolvida a casar com outro?

— Lourenço, lhe diz ella, fazendo um esforço para vencer a sua agitaçao; as cousas tem chegado a um tal ponto, que me é já impossivel retroceder. Não eramos nós destinados um para o outro.

— E as tuas promessas, cruel? e os teus juramentos?

— E estas nunpcias já proclamadas no templo, em presença do Senhor?.... e o annel, o meu annel, que tu ainda trazes no dedo.

Agatina empallideceu a estas palavras, olhando para a mão onde não sei porque motivo ou descuido, ainda trazia o annel nupcial, que Rinzo lhe dera; e se appressou a tiral-o do dedo.

— « Ahi o tens: » lhe diz a ingrata, apresentando-lhe o annel com um gesto desdenhozo.

Neste instante soão vozes de alegria do outro lado da ponte; era o feliz rival de Lourenço, que vinha ao encontró de Agatina.

—Ainda é tempo de te arrependeres, Agatina, grita na maior desordem o infeliz Rinzo. Uma palavra, diz uma só palavra para salvar-me da desesperação.

Deixa-me, não me impostunes mais; lhe diz ellajá resoluta e altiva com a presença do seu novo amante. Ahi tens o teu annel. E atirou-lhe com elle aos pés.

—Agatina! Agatina! olha o que fazes! lhe brada Lourenço com voz terrivel; os olhos furiosos e inflamados, e todo o corpo em horrivel convulsão.

Entrega-me o meu annel.

Então a perfidia dando com o maior despreso um pontapé no annel, o arrojo ao rio, dizendo: Vai agora busca-lo ao fundo da torrente.

—E vem tu busca-lo comigo; exclama Rinzo, e abraçando-se fortemente com ella, a arrasta para a borda da ponte.

—Soccorro! soccorro! gritava Agatina.... Correm todos para a salvar.....Mas era já tarde: a acção do Rinzo foi rapida como o raio; ambos rolavam já pelos ares, e sentio-se logo o baque no fundo do precipicio.

Todas as diligencias foram inuteis: as ondas furiosas da torrente arrebantaram por um momento as duas victimas, e logo as sorveram e fecharam-se sobre ellas.

—Não poderei pintar-vos a consternação que este lastimoso acontecimento espalhou por toda a aldêa; mas sobre tudo faltão-me expressões para encarecer-vas a dôr da mãi do infeliz Rinzo. Depois que abaixou acheia, retiráram os dous cadaveres da torrente; estavam ainda estreitamente abraçados e assim foram sepultados em um logar solitario fóra do recinto do cemiterio publico. A ponte de madeira, theotro de tão tragica scena, foi reparada de novo, mais larga, e guarnecida de guardas que dantes não tinha; á sua entrada construi-se a pequena capella, que lá vedes, em memoria dos dous desventurados noivos, e pelo vepouso de suas almas. Alli a desgraçada Praxedes vinha todos os dias, pelo espaço de vinte annos, orar e gemer diante do altar, depois assentava-se á porta da ermida, e ahi ficava até a noite resando, fiando, e pedindo esmolla por alma de seu filho Lourenço. Muitas vezes o viandante estrangeiro, tocado de suas lagrimas, a interrogava sobre o motivo que lhas fazia derramar e ella lhe contava a deploravel historia de Rinzo. Ha alguns meses que seus gemidos se não unem já ao ruido da torrente, porque a desgraçada tendo caido em demencia acabou seos dias miseraveis, e foi gosar de melhor vida. Assim acabou o estallajadeiro a sua historia.

D'ahi a pouco, atravessando a ponte, eu visitei a capella, e ahi deixei a esmola do viajante e uma lagrima de compaixão.

(Do Nacional de Lisboa.)

AO PUBLICO.

Domingos Tribuzy, abaixo assignado, tem por obrigação declarar ao Publico, e aos seus Amigos em particular, que a correspondencia assignada por « Hum Brazileiro », e inserta no Echo da Religião e do Imperio N. 158, não é por elle assignada, nem para tal escripto deu o seu consentimento como falsamente se tem espalhado.

A desintelligencia que tem havido entre o abaixo assignado, e o Snr. Dr. Antonio Maria Chaves e Mello, estava extincta por conselhos de pessoas imparciaes, e não era possivel que se fizesse reviver offendendo de algum modo o melindre de homens que jámais o provocaram.

O abaixo assignado tambem julga dever seu declarar que nunca deprimio o credito do mencionado Snr. Dr. Chaves e Mello, antes sempre o respeitou e abonou na sua qualidade de Director do Collegio « Santa Cruz », para que podesse esperar ser despedido do mesmo Collegio pela maneira injusta e desabrida por que o foi.

O abaixo assignado ao mesmo passo que não cotesta o direito com que o despedio o já citado Snr. Dr. Chaves e Mello, reconhece que não usou bem d'elle nas expressões acres e duras que acompanharam a despedida, embora se queirão adoçar com notas explicativas.

A fria reflexão não teve certamente parte na redacção da Carta de despedida, pois que n'ella somente transluz a prevenção ou injustiça contra o abaixo assignado, que todavia acredita ser effeito de intriga ou de precipitação. Houve n'isto verdadeiro excesso que produzio outro maior, que se os homens justos e imparciaes condemnão, não reprovão menos o motivo que o produzio.

Quando o abaixo assignado assim se explica, não está longe do arrependimento no excesso commettido; quem o fez commetter não o estará menos; e isto servirá de satisfação a todos aquelles que por qualquer modo se julguem offendidos.

Recife 14 de Dezembro de 1841.

Domingos Tribuzy.

AVIZOS DIVERSOS.

☞ Sahio hoje o 2. n. do Espelho das Bellas. Vende-se na praça da Independencia N. 37 e 38; na Typographia Imparcial, rua do Collegio; na botica do Sr. Paranhos, rua do Rosario estreita; e na rua Direita, loja de fazenda do Snr. Angelo, preço 80 rs.

☞ Quem precisar de uma pessoa deligente, e capaz para caixeiro de rua, ou outro qualquer negocio; annuncie.

═ A pessoa que annunciou querer comprar o compedio de Rhethorica pelo Padre Marinho, ainda querendo; dirija-se a rua d'Agoas verdes, D. 36.

☞ Affonso Saint Martin, hoje com nova loja franceza na rua do Cabugá D. 2, tem a honra avisar a seos freguezes que tem hum sortimento completo de boas fasendas francesas, tudo de bom gosto, as quaes deixa de as nomear pois que de tudo que diz respeito a loja franceza elle tem, primorosos selins elasticos inglezes, feitos em Londres, com apetrexos tudo de primeira qualidade, como selins francezes de 10$ a 24$, em fim promette a todos os senhores e senhoras que o quiserem honrar com as suas freguesias, não só os satisfará no bom gosto de suas fasendas, como no comodo preço, as senhoras que em suas casas quiserem ver bonitos chapeos, chales de seda e mantas, sedas para vestidos, todo qualquer calçado, luvas de todas as qualidades, boas perfumarias, flores fitas, chapelinhos de sol etc. etc. basta (taõ somente os seus freguezes) mandar um bilhete para serem providos do que precisarem.

☞ Constando ao abaixo assignado que se tem offerecido uma letra acceita pelo annunciante, para ser descontada, faz publico que nenhuma letra acceitou por transações commerciaes, e que seja suceptivel de desconto, a fim de evitar qualquer transação criminosa acerca de sua firma, pois vivendo de dar dinheiros a primio não acceitou nem se obrigou por letra alguma.

Herculano José de Fretas.

☞ Angelica Maria da Costa e Veiga, viuva de José Demingues da Costa, roga aos credores do fallecido seu marido, hajão de comparecerem em sua casa, rua do Livramento n. 2, no dia 29 do corrente as 10 horas da manhã, para se tratar sobre os meios de serem reembolçados de seus respectivos creditos, que deverão ser apresentados no mesmo acto, a fim de se ver o total das dividas activas, e proceder-se aos balanços das lojas e dividas passivas da casa do fallecido seu marido, a fim de se saber o estado da mesma casa; pois que nada quer obrar a mesma annunciante sem ir de acordo em tudo e por tudo com os credores de seu fallecido maaido.

☞ O abaixo assignado faz ver que ninguem contrate com Josefina Cavalcanti de Albuquerque Lins sobre 4 escravos de nomes Maria Plonio e duas filhas de nome Florinda molata de 8 annos, outra de nome Luiza de idade de nove mezes, e um preta de nome Maria do gentio de angola, de idade de 12 annos, pois ellas pertencem a Bernardo José de Barros, por transações de dividas, e para livrar de questões faz o presente annuncio.

José Ribeiro da Silva.

☞ Tendo o abaixo assignado arrematado conforme as leis, que regulão a respeito dos africanos considerados contrabandos, um dito de nome Joaquim, de nação calabar, este desaparecera desde o dia 1.º do corrente mez, indo vestido de camisa de algodão e calças de brim, o dito africano tem uma sicatriz em uma das pernas proveniente de uma ferida que teve; a pessoa que o prender ou der noticias será gratificado pelo mesmo abaixo assignado no sitio Cambumbe contiguo ao engenho Cordeiro.

Francisco Xavier Cavalcanti Lins.

☞ Quem precisar de algumas canoas abertas para carregar trastes dirija-se a rua do Rangel D. 17.

☞ O Padre José Joaquim da Silva Guerreiro continua a ensinar logica, e francez abre a aula a 3 de Fevereiro p. f. A matricula principia do 1.º de Janeiro em diante. Quem se quiser servir do seu prestimo pode procural-o em a casa de sua residencia no sobrado onde mora o Sr. Major Bezerra, 2.º andar, na rua do Fagundes, ou de S. Rita nova.

☞ Precisa-se fallar com o Sr. José da Camara filho de Manoel da Camara, e de Maria Clara, natural da Ilha de S. Miguel, freguezia de N. S. da Graça, ou com os seus herdeiros no caso de ter fallecido: nas 5 pontas D. 51.

☞ Dão-se 1:200$000 sobre hypotheca em algum decente sobrado de um audar, nas ruas da Rozario estreita, Queimado, colegio, cruzes, cadeia nova, pracinha do Livramento, e pateo do Carmo, ficando os alugueis do mesmo sobrado sem as lojas pelos juros; quem quiser annuncie.

☞ Desappareceo no dia 22 do corrente das 7 para as 8 horas da manhã, um cabrinha de idade de 2 annos, ainda não falla, e he muito esperto, julga-se que alguma pessoa o tenha recolhido, por isso roga-se que a levem a rua da Florentina na ultima casa do lado do nascente que será generosamente recompensado.

☞ Sabbado pelas 9 horas da noute foi-me entregue um preto por dous homens dizendo estes que aquelle preto foi preso por elles em campos do macacos, e que só diz seo Snr. se chamar Joaquim e que tem olaria; quem for seu dono dirija-se ao forte do mattos na prença de Francisco Ribeiro de Brito, que dando os signaes lhe será entregue pagando as despezas.

☞ Precisa-se de uma preta fora para ama de casa de um homem solteiro, adverterte-se que he só para cozinhar e hir dormir em sua casa: na rua do Padre Floriano venda que junto ao beco tapado n. 35.

AVISOS MARITIMOS.

PARA O PORTO segue viagem com muita brevidade o bem conhecido Bergantim Portuguez Flor de Beiris, Capitão José Thomaz de Lima; quem quiser carregar ou ir de passagem para o que tem excellentes commodos, dirija-se ao Capitão, ou a Manoel Francisco Pontes.

PARA MARANHÃO sahirá com toda brevidade o Patacho Brasileiro Maria Luiza, forrado e pregado de cobre, por ter parte de sua carga prompta; quem quiser carregar dirija-se ao seu proprietario Antonio Joaquim de Souza Ribeiro, ou a F. M. Rodrigues & Irmãos.

PARA O ARACATY sahe athe o dia 15 de Janeiro o bem conhecido Hiate Flor das larangeiras, forrado de cobre e de primeira marcha, ja tem meia carga prompta: quem quiser carregar ou ir de passagem para o que tem bons commodos dirija-se a rua da cadeia loja de fazendas n. 17.

LEILOENS.

☞ Que faz E. Schaeffer por conta de quem pretencer. nos dias 23 e 24 do corrente de uma porção de charutos, no armazem de Fernando José Braguez.

☞ Que fazem Kalkmann & Rosenmund, por intervenção do Corretor Oliveira, de uma porção de chales avariados, os quaes se venderão por todo o preço, Quinta feira 23 do corrente as 10 horas da manhã no seu armazem da rua da Cruz n. 60.

COMPRAS.

☞ Escravos de ambos os sexos com officio ou sem elles, de idade de 12 a 20 annos: na rua do fogo ao pé do Rozario D. 23.

☞ Negrinhas mumbandas, molatinhas e moleques de idade de 14 a 20 annos: na rua do Vigario n. 21 no primeiro andar.

☞ Escravos de idade de 10 a 20 annos, para fora da provincia: na rua do colegio D. 5.

☞ Para fora da provincia escravos pedreiros, carpinas, ferreiros, bons cozinheiros, e boas costureiras, engommadeiras e cozinheiras, e moleques de idade de 10 a 20 annos, paga-se bem a gradando a figura e as prendas: na praça da boa vista D. 3.

VENDAS.

☞ Borzeguins gaspiados para homem, ditos pretos com a ponta de lustro, sapatos de couro de lustro para homem e senhora, sapatos de marroquim francez, ditos de duraque francez e de Lisboa, ditos de setim, borzeguins de marroquim para senhora a 2$240, sapatos para meninos e mininas, ditos de lustro para ditos, borzeguins de lustro para senhora e meninas, botins de bezerro francez e de Lisboa, sapatos inglezes a botiuados e de orelha, sapatões com pala, meios botins de bezerro inglez e francez, chapeos do chile de copa alta, ditos de aba larga finos e entrefinos, luvas de seda e de pelica para homem e senhora, chapeos de sol de seda, espartilhos para senhora, e estojos de navalhas finas: na praça da Independencia n. 6, 7, e 8.

☞ Um cavallo castanho gordo, e muito em conta: na rua Direita botica D. 53.

☞ Queijos londrinos, presuntos para fiambre, conservas, mostarda, frutas para pasteis, passas miudas, batatas inglezas, todas chegadas ultimamente: no armazem de João Carroll & Filho na praça do Commercio.

☞ Um jogo de bancas de angico de dous tampos, e columnas, por preço commodo: na rua das trincheiras D. 5 lado esquerdo indo da Matriz.

☞ Uma comenda e habito do cruzeiro, novo, e por preço commodo: na rua da S. Cruz casa D. 45.

☞ Uma escrava recolhida, de idade de 14 annos. cose, engomma sem muita perfeição: na rua do Hospicio casa terrea que tem lampião.

☞ Presuntos, paios, chourissos, queijos, doce de goiaba em caixões grandes e pequenos, caixas e quartos de passas, bolaxinha ingleza, soda, dita doce, biscoutos doce e d'agoa, marmelada, talharim, macarrão, e aletria, boa serveja, vinho da figueira, dito de Lisboa PRR, dito velho do Porto engarrafado, farinha do reino a 80 rs. a libra, e manteiga para tempeiro a 240: na rua larga do Rozario D. 1.

☞ Duas canoas sendo uma grande que carrega 1000 tijolos, e a outra de carreira, ambas novas, por preço commodo: no atterro dos affogados D. 16.

☞ Um cavallo muito bom passeiro, e carrega bem baixo, de 8 annos. de cor russo pombo: na rua do Queimado D. 7.

☞ Taxas de ferro coado e batido em bom sortimento, assim como algumas ferragens mais para engenho: na rua do Vigario n. 7.

☞ Obras de ouro de muito bom gosto, chegadas ultimamente de Lisboa: na rua da cadeia do Recife loja n. 58.

☞ Barricas e sacas com farelos, barricas com fumo para charutos, gangas amarelas, lenços pretos de seda da india, toalhas adamascadas, e salitre refinado, tudo por preço commodo: em casa de Matheus Austin & Companhia na rua do trapiche novo n. 12.

☞ Superior sal de Guamaré, alvo e grosso, a bordo do Patacho Nacional Laurentina, ancorado na vasta do forte do mattos, ou a fallar com Lourenço Jose das Neves na rua da Cruz n. 32.

☞ Uma escrava de nação, cozinha, engomma, faz doces e lava roupa: e umá toalha de lavarinto e uma saia de dito: na rua dos Martirios D. 6 lado da Igreja.

☞ No atterro das 5 pontas defronte do viveiao do Muniz D. 11, canecos de amarelo com boa ferragem os grandes a 2000 e os pequenos a 1600.

☞ Uma cabra bixo com cria: na rua da Conceição da boa vista D. 8.

☞ Mergulhos de parreiras, e um realejo: a traz dos Martirios casa 3 portas verdes.

☞ Chapeos do Chile de superior qualidade, e por preço commodo: na rua da cadeia nova D. 4.

☞ Uma morada de casa terrea sita em N. S. da Paz dos affogados: a tratar na rua do Rangel D. 17.

☞ E alugão-se e tambem se deitão bichas de superior qualidade: na rua da alfandega velha loja de barbeiro D. 11.

☞ Presuntos inglezes e de Vesfalior, queijos londrinos, conservas de todas as qualidades, latas de salmão, soupas preparadas, latas com sardinhas, frutas em conserva, passas miudas para pasteis, batatas inglezas, molhos de todas as qualidades, tudo chegado no ultimo navio de Inglaterra, charutos da Havana e da Bahia, vinhos engarrafados de topas as qualidades, champagnhe superior, serveja branca e preta, agoa ardente de frança, genebra de Hollanda, salmame, carne de fumo de Hamburbo, mustarda ingleza, tijolos de limpar facas, manteiga ingleza em meios barris e lingoas salgadas: no armazem de Dowsley Raymond & Prytz na rua da alfandega velha n. 3.

☞ 20 pipas de agoa ardente caxada de 20 a 21 gráos: na rua da Lapa tenda de tanoeiro de Bernardo de Sena.

☞ Farelo a 3$000 o saca de 3 arrobas, ou 2$800 sem o saco, para engordar cavalos, os compradores acharão este farelo muito melhor do que aquelle que vem de fora, pois he fresco e novo, tambem da mais sustento ao cavallo, o qual o peso do farelo mostrará: na fabrica de farinha do atterro da bea vista.

☞ 4 moleques de idade de 12 annos, de bonitas figuras, um preto de idade de 40 annos, por 320$000 bom cozinheiro e canoeiro, uma preta da costa, cozinha, lava roupa, e he boa quitandeira que dá 400 rs. por dia: na rua de agoas verdes casa terrea Decima 37.

☞ Uma escrava de nação boa cozinheira, refina assucar, faz varias qualidades de doces, engomma liso, e lava roupa: na rua Direita D. 20 lado do Livramento.

☞ Taboado de pinho da Suecia, costado, costadinho, assoalho de uma polegada e uma meia dita, e de differentes comprimentos e grossuras, forro de meia polegada a 3 quartos proprio para casas e fundos de barricas, e remos de faia, tudo por preço commodo: no armazem de José Antonio da Silva Vianna no forte do mattos.

☞ Bichas pretas chegadas proximamente pelo deminuto preço de 100 a 200 rs., e sendo em porções de 100 para cima se darão por menos: na rua estreita do Rozario venda Decima 30.

☞ 6 cadeiras do Porto com assento de palhinha, em bom estado: no pateo de S. Pedro laja de marcineiro.

☞ Uma negra de nação, de idade de 22 annos, com principios de cozinha, e lava de sabão; se afiança a conducta da dita: na rua do Fagundes D. 18.

☞ Bicos de filó de linho de lindo gosto, garrafas de agoa de colonha, massos de cartas portuguezas e francezas para jogar, fosforos americanos da melhor qualidade, pentes de tartaruga para marrafas, e potes de tinta ingleza para escrever: na praça da Independencia n. 39.

☞ Dous escravos, sendo um cabra ainda moço e bom carreiro, e outro molato com principio de sapateiro, proprio para pagem, ambos figuras: na rua do Crespo loja D. 12.

☞ Meias barricas de farinha de trigo e caixas com vellas de spermacete: em casa de Matheus Austin & Companhia na rua do trapiche novo n. 12.

☞ 6 cadeiras de jacarandá com assento de palhinha, por preço commodo: na rua das Flores D. 8.

☞ Ou arrenda-se duas grandes olarias nos affogados, terras do engenho Giquiá, que forão de Euzebio Pinto, com barro ao pé e porto de embarque: a tratar com o Snr. do engenho Giquiá.

☞ Farinha muito superior, sendo moida de trigo novo do ultimo carregamento, das marcas XXXF e XXX, que vende-se por preço barato: na fabrica de farinha do atterro da boa vista.

☞ Um cavallo alazão, grande e gordo, com todos os andares: na rua da praia armazem do Guimarães.

☞ Uma porção de pipas vazias, 50 barricas vasias para assucar, 7 caixas de pinho grandes do Porto, um terreno com 32 palmos de frente e 200 de fundo, com frente para duas ruas: na camboa do Carmo venda D. 3.

☞ Uma cadeirinha com todos os seus pertences, acabada de novo, e de muito bom gosto: na rua do Crespo loja D. 1 de Manoel Gomes de Carvolho.

ESCRAVOS FUGIDOS.

☞ Hontem 22 do corrente fugio um preto de nome Antonio por alcunho cauel, de nação benguella, de bonita figura, bem feito de corpo, cara redonda, bem preto, olhos um tanto abugalhados, beiços um tanto grossos, com ponta de barba, cabelo grande, tem os pés um pouco maltratados de bichos, representa 22 a 25 annos de idade, levou camisa e calças de algodão e chapeo de palha; da-se uma generosa gratificação a quem o pegar e levar a rua dos Quarteis D. 5.

☞ No dia 21 do corrente fugio do lugar do Monteiro um escravo creoulo, de nome José, alto. de boa figura, bem preto, cabelo grande. olhos apitombados, pés grandes, sem unhas nos dedos polegares dos pés; dito escravo he muito conhecido, e levou comsigo toda a sua roupa, e chapeo de couro, duas armas de fogo embrulhadas em uma esteira. sendo um clavinote, e uma caçadeira, recomenda-se aos aprehendedores que o pegarem o recolhão na cadeia desta Cidade, ou no monteiro no sitio de sua Senhora D. Catharina Francisca do Espirito Santo, proprietaria do trapiche companhia que recaberá 100$ de gratificação.

☞ Fugio a 3 dias do armazem de assucar da rua do Vigario n. 7 um preto de nome Manoel, de nação cabundá, alto, e feio de rosto, levou calças de brim ja suja, e camisa de baeta encarnada. costuma embebedar-se, e andar pelas 5 pontas ou pelo atterro da boa vista; quem o pegar leve ao dito armazem que será gratificado.

☞ No dia 18 do corrente as 8 horas da manhã fugio do sitio de Jose Bernardino Lial em Parnameirim um negro ainda buçal, de nome Joaquim, de nação congo, levou ceroulas de estopa e camisa de algodão da terra, he baixo e gordo, com barba bastante crecida, os dentes da frente grandes; quem o pegar leve ao dito sitio, ou na rua da cadeia do Recife D. 5.

☞ No dia 16 de Novembro fugio ou furterão um escravo, ainda buçal, de nome Furtunato, representa ter 30 annos de idade, alto, magro, cor bem preta, tem alguns cabellos brancos na cabeça, he bem picado das bechigas pincipalmente no nariz, falla discançada, e quando anda he devagar que parece estar doente dos pés; levou calças e camisa ja velha; quem o pegar leve a rua da cadeia loja de ferragens n. 41, que será gratificado com 50$000.

MOVIMENTO DO PORTO.

NAVIOS ENTRADOS NO DIA 20.

Santos; 26 dias, Patacho Brasileiro Valante de 150 tonel., Cap. Ignacio Xavier Pinheiro, equip. 9, carga farinha de mandioca, fumo e toucinho: ao dito Capitão.

SAHIDOS NO MESMO DIA

Cutinguiba; Hiate Brasileiro Especulador, Cap. Bernardo de Souza, carga diversos generos.

SAHIDOS NO DIA 21.

Porto; Brigue Portuguez Primavera, Cap. Jose Carlos Ferreira Soares, carga assucar.

Rio G. do Sul; Brigue Brasileiro Feliz Aurora, Cap. Antonio Ferreira da Silva, carga diversos generos

DITO NO DIA 22

Rio de Janeiro; Barca Amerisana Coronel Howard, Cap. H. G., com resto da carga que trouxe de Baltimore.

RECIFE NA TYP. DE M. F. DE F. — 1841.